

Colin Darch.



MULHER MOÇAMBICANA

Boletim da O. M. M.

Maputo, Março de 1986 • Ano 1 • N.º 1 • 15,00 MT



MULHER MOÇAMBICANA

Boletim da O. M. M.

●
TRIMESTRAL

●
Directora
SABINA SANTOS

●
Coordenadora
CECILIA VILANCULOS

●
COLABORARAM NESTE NÚMERO:
ANTÓNIO MUCHAVE, CELESTE MAC-
-ATUR, DANIEL MAQUINASSE, DELFINA
MUGABE, ELIAS MBONDO, HILÁRIO MA-
TUSSE, LOURENÇO JOSSIAS E MARGARI-
DA GUITUNGA

●
COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA «NOTÍCIAS»
TIRAGEM: 10 000 EXEMPLARES

●
SECRETARIADO NACIONAL DA OMM
RUA PEREIRA DE LAGO N.º 147-2.º A
C. P. 4015 — TELEF. 741600/741760
MAPUTO



Edição n.º 1 — Março/86
Na Capa: Foto de António Muchave

SUMÁRIO

Págs.	
3	Nota de abertura e mensagem da Secretária-Geral da OMM, Salomé Moiane
4 e 5	Conferência Extraordinária da OMM
6	Nova vida começou para criança moçambicana
7	Departamentos da OMM realizaram o 1.º Seminário Nacional
8 e 9	Reportagem fotográfica sobre a Conferência Extraordinária da OMM
10	Opinião
11	Sobre um poema de amor
12	Internacional
13	Objectiva
14 e 15	Mulheres no Mundo
16	A mulher na defesa da Pátria

FAZ DO TEU LAR UM NINHO DE AMOR

NOTA

DE ABERTURA

Por que um Boletim Informativo «Mulher Moçambicana»? — pergunta o nosso caro leitor!

O Boletim «Mulher Moçambicana» é um meio pelo qual a OMM se pretende servir para mobilizar, informar e educar a mulher e a sociedade em geral, para que a beleza que pretendemos construir para nós e para os nossos filhos seja obra conjunta de cada um de nós, mães, esposas, donas-de-casa e educadoras das novas gerações, assim como para a consolidação da família, célula base da sociedade.

O Boletim «Mulher Moçambicana» pretende, também, alcançar um universo mais amplo, o que apenas será possível com a participação do leitor. Escreva, contribuindo para que a revista se torne nossa. Envie cartas, poemas, contos, anedotas, curiosidades, sugestões e críticas.

A nossa caixa de correio está à sua disposição.

Iniciamos a poucos dias o ano de 1986. Por esta ocasião, quero desejar, em meu nome pessoal e do Secretariado Nacional da OMM, boas entradas e feliz Ano Novo, a ti mulher moçambicana que há bem pouco tempo eras somente produtora na machamba familiar e que hoje organizas e diriges nas aldeias comunais, nas cooperativas agrícolas, centros de produção e nas fábricas, com entusiasmo e vigor, a produção colectiva e defendes muitas vezes com arma na mão o fruto do teu trabalho.

Para ti trabalhadora da Função Pública, professora, estudante, enfermeira, dactilógrafa, condutora, médica, juiz, jornalista, especialista que emerges como elemento dinâmico no combate pelo surgimento do Homem Novo.

Para ti que te colocas na vanguarda na luta contra o banditismo armado, na luta contra a fome, a nudez e miséria e aí desenvolves a capacidade de te defenderes e de libertares da mentalidade de seres subdesenvolvida e dependente.

Para ti mãe e esposa carinhosa que te preocupas com a vida e o bem-estar da família, irmã, namorada, noiva, companheira e educadora das novas gerações, que a tua coragem e determinação, o teu espírito de trabalho árduo e o teu desejo de aprender sempre mostrem a certeza de chegares ao fim nesta longa marcha da emancipação, quaisquer sejam as dificuldades a enfrentar.

Mulher moçambicana, saúdo-te pelo teu exemplo e dedicação no trabalho, pela tua determinação, coragem e certeza da vitória na dura batalha que travamos para a construção do bem-estar e felicidade para os nossos filhos.

Mulher moçambicana, consolida cada vez mais e melhor a família célula base da sociedade. E faças do teu lar um lindo jardim, um ninho confortável e cheio de amor.

(Mensagem da Secretária-Geral da OMM, Salomé Moiane)

Formar a mulher é imperativo do avanço

A Resolução Geral da Conferência Extraordinária da OMM sublinha a dado passo que, «nós, as mulheres moçambicanas, respiramos hoje a plenos pulmões, o ar puro da liberdade que conquistámos, ao lado do homem, nosso companheiro, nos bancos da grande escola da vida, da grande forja da nação que foi a luta armada de libertação nacional».

O documento exalta, assim, uma conjuntura histórica que cria um novo quadro na sociedade moçambicana, para o qual a emancipação da mulher é questão de grande monta.

E assim é porque vão ainda perto os tempos em que, na mentalidade individual e até na moral social, a mulher era tida como «uma criada com o privilégio de dormir com o partão». E quantas vezes mesmo aí, na cama, ela não foi apenas um receptáculo?

A sustentar esta situação, um conjunto de factores objectivos e subjectivos por demais conhecidos, já, desfilaram ao longo dos tempos, até os ventos de mudança no País abalarem a árvore que, porque de raízes profundas, ainda hoje teima em manter-se erguida.

Com estes ventos de mudança surge o que se impõe por necessidade histórica, sobretudo por ser condição para o progresso de toda uma comunidade e até de toda uma espécie, a humana. Por isso, não obstante as obstruções intrínsecas à teimosia da árvore da história, as mulheres rompem,

agora, trevas com a alfabetização, com a escolarização e com a presença cada vez mais assídua nos diversos sectores da vida nacional.

Tudo isto assenta no facto de, conforme a Resolução Geral, a Conferência Extraordinária da OMM ter reafirmado que «a emancipação da mulher passa pela conquista do saber, pelo domínio da ciência e da técnica».

AS NOVAS EXIGÊNCIAS

Com a libertação, especialmente com os Grupos Dinamizadores, abriram-se à mulher portas outrora fechadas a sete chaves. Eram as do debate, da escolha livre e da expressão de opinião e vontade próprias, o que a vem colocar, mesmo àquela que graças a circunstâncias diversas havia ascendido ao tão necessário «abc», uma prerrogativa difícil de exercer.

Habituada, esta última, a ver como assunto as coscuvilhices e mexeriquices, os bordados e modas, as receitas de cozinha e, quando muito, as vedetas de cinema e as fotonovelas, depara-se então com um direito tão de vulto como é o de pensar sobre a sua vida, a dos filhos e marido: a da sociedade.

Assim, como é óbvio, não pode deixar de ser importante a educação e formação da mulher, ontem refugio da sociedade e criada do marido, que hoje tem de assu-

mir, a par e passo com todos, o papel de sujeito de seu itinerário: trata-se de passar a ter de pensar e agir sobre a vida do seu país.

É por isso que a Conferência Extraordinária da OMM recomendou que «o Ministério da Educação e a OMM deverão impulsionar todas as acções que elevem os conhecimentos científicos, técnicos e culturais da mulher».

E não pode haver dúvidas de que ela vá conseguir essa aprendizagem que se lhe impõe. Exemplo sólido é a Cooperativa 7 de Abril, na Machava, onde as mulheres que lá trabalham aprenderam a fazer tudo o que era necessário: umas tratam de suínos, cultivam hortícolas e cereais, enquanto outras tomam conta da creche. Ainda outras fazem a sementeira, cuidam dos viveiros e fazem transplantes, para além de tudo o mais.

E não ficam por aí. As mulheres que trabalham na Cooperativa 7 de Abril têm já noção da parte económica. Sabem que a produção tem de alimentar a si e que tem de realizar lucros para o alargamento da sua actividade e para a construção de infra-estruturas de benefício social, o que significa já um avanço.

Embora não sejam só rosas a formação e educação da mulher ao longo destes anos, particular atenção tem sido dedicada a esse aspecto tão pertinente quanto é a participação dela na transformação social que hoje se opera no País, condição do seu triunfo.

EXTRAORDINÁRIA

O papel da OMM na educação da juventude

Por Hilário Matusse

A Conferência Extraordinária da OMM, realizada em Novembro do ano passado, recomendou «uma acção mais coordenada e enérgica entre a Escola, a OJM e a OMM, com vista a acções que proporcionem uma educação adequada aos nossos filhos».

Isto porque, segundo o mesmo evento, «a família, a escola, as organizações democráticas de massas, nas suas atribuições específicas e em conjunto, não estão ainda a moldar os nossos jovens de modo a que tenham clareza nos princípios, identidade com a sua origem e as classes trabalhadoras, firmeza e convicção nos valores do Socialismo».

De facto, a educação da juventude reveste-se de particular importância, sobretudo quando para as transformações que se operam no País é necessário assegurar a respectiva vitalidade.

Aos jovens, que enfermam do vazio que se estende no país, já que não ganharam ainda consistência os novos valores que se estão a criar, é preciso tratar como o viajante que desconhece o caminho. Não como um cego, o que seria errado, mas como a quem se mostra o caminho e se explica porque é este e não outro.

Isto decorre do facto de que a OMM poderá ter, de facto, algumas dificuldades na educação da

juventude, porquanto ela é uma organização integrando mulheres que, embora empenhadas neste processo de transformação, em termos de geração pertencem a uma que se norteou por outros valores, hábitos e concepções. É preciso, por isso, que nesta tarefa, a OMM baseie a sua acção na persuasão, no debate e nunca na imposição de valores ou opiniões.

Fundamental ainda é que esta educação comece na própria casa, com os filhos, exercendo-se neles uma influência que faça desvanecer eventuais ideias erróneas.

SOBRE QUE INCIDIR?

Os fundamentos mais elementares da formação de personalidade são a educação cívica e moral, sobre a qual se vai erguer a instrução e o conhecimento académico a adquirir na escola.

A OMM caberá por isso, educar nos valores morais e cívicos que devem presidir à nova sociedade, assim como no valor e dimensão da cultura e personalidade moçambicanas, no amor à terra e ao Povo a que os jovens pertencem. Hoje, perante a agressão da Pátria, o ódio ao inimigo e a determinação de defender o país deverá ser acima de tudo

uma lição da mãe, em particular, e da OMM por extensão.

Os valores culturais preservam-se passando de geração para geração, através desta transmissão directa da mãe para o filho e deste para os que dele virão. É verdade que haverá livros e enciclopédias. Haverá todo um empenhamento técnico para a preservação da cultura e da personalidade do Povo, Mas, a mais antiga e infalível forma de preservação é a transmissão dos valores directamente de uma para outra geração, ao que a OMM, particularmente, é chamada a responder.

Por isso, «que a OMM apoie em particular os directores das escolas e professores no enquadramento e orientação das novas gerações nos valores da moral, do civismo e da cultura da comunidade» é tarefa que não pode ser dissociada do incremento do papel educativo da mulher no seio da família. Aliás, entre a educação dada na escola e a que se faz em casa, pela família, não deverá haver discrepâncias.

Só assim, o preponderante papel da mulher na educação da juventude e da sociedade em geral, contribuirá para que desta geração de jovens de hoje, nasça a certeza de que os ideais proclamados não vão morrer.

Nova vida começou para a criança moçambicana

Por Delfina Mugabe (texto) e Elias Mbondo (foto)

Quando em Abril de 1983, o IV Congresso do Partido Frelimo decidiu a criação de uma organização que enquadraria os mais pequenos do nosso País, novos caminhos se abriram para a criança moçambicana.

A organização «Continuadores da Revolução Moçambicana» que vai criar condições para um total desenvolvimento da personalidade e capacidade da criança moçambicana, na qual as crianças vão aprender a amar a família e à Pátria, no espírito da Unidade Nacional e nos valores do Socialismo e Internacionalismo Proletário, onde as crianças moçambicanas vão lutar pela paz, segurança e bem-estar de todas as crianças do Mundo, lado a lado com crianças das outras organizações infantis, a sua criação foi preparada com entusiasmo.

Para a criação desta Organização, num processo dinamizado pela Comissão Central e Comissões Provinciais, milhares e milhares de crianças, enquadradas nos diversos Núcleos então criados em todo o País, desenvolveram um trabalho intenso, nomeadamente jornadas de trabalho voluntário, trabalhos manuais, artigos de desenhos e de modelagem, para além da promoção de exposições públicas em todo o País e na sala do IV Congresso, durante a semana da Conferência.

Nos Núcleos, as crianças aprenderam a viver de uma forma organizada, aumentaram o espírito da colectividade, descobriram e desenvolveram em condições favoráveis as suas próprias tendências e vocações. Brincaram juntas, conviveram com outras, cantaram, dançaram e jogaram.

Enquadradas nos seus Núcleos,

as crianças passearam pelas cidades, jardins e praias. Realizaram visitas de estudo aos mais diversos sectores sócio-económicos.

Com a «Continuadores», uma nova vida ia começar para as nossas crianças, onde iriam viver organizadas e respeitar os mais velhos. Neste trabalho da preparação da criação da organização dos «Continuadores», destacou-se o papel da Mulher, mãe e educadora das novas gerações, na realização de actividades de natureza recreativa, educativa, artística e cultural. Estas actividades contribuíram para a formação moral e cívica das nossas crianças.

E, na capital do País, num ambiente de cor, festa, alegria e emoção, foi criada a organização «Continuadores da Revolução Moçambicana» e... «UMA NOVA VIDA COMEÇOU» para a criança moçambicana ...



As mais belas flores do nosso País ... Nova vida começou!

Departamentos da O.M.M. realizaram o 1.º seminário nacional

Por Cecília Vilanculos (texto e foto)

Realizou-se de 15 a 22 de Agosto do ano passado, no Centro Nacional de Formação de Quadros da OMM na Machava, cidade de Maputo, o Primeiro Seminário Nacional dos Departamentos de Mobilização, Trabalho Social e

ria-Geral da OMM, Salomé Moiane.

Durante os oito dias, que durou aquele evento, os Secretariados Provinciais trocaram experiências, e a discussão franca e aberta permitiu que se encontras-

ociação do 10.º aniversário da independência e receberam estímulos materiais as secretárias e chefes dos Departamentos de Administração e Finanças nas províncias de Niassa, cidade do Maputo, Sofala e Maputo-Província,



Celeste Macuacua, chefe do Departamento de Administração e Finanças em Gaza recebendo o seu estímulo material

Administração e Finanças da OMM, com o objectivo de estudar os documentos internos de cada departamento e analisar as formas do trabalho e o seu relacionamento aos diversos níveis.

Orientou os trabalhos desta reunião nacional, que foi um encontro metodológico, a Secretá-

ria-Geral da OMM, Salomé Moiane.

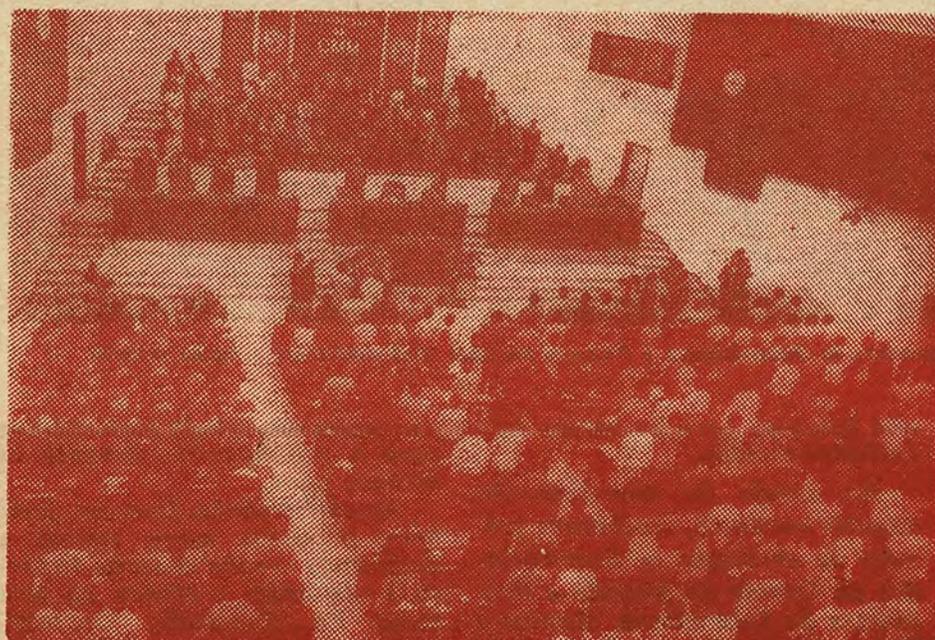
Na sessão de encerramento daquele encontro, receberam prémios de emulação os Secretariados da Cidade de Maputo e Províncias de Inhambane, Manica e Gaza, por se terem distinguido na venda da rifa da OMM por

por terem angariado mais fundos para a organização, durante os últimos anos.

As participantes tiveram, também, palestras sobre Defesa e Segurança, Saúde Meterno-Infantil e visitaram o Museu da História da Ocupação Colonial, actual Fortaleza, e o Núcleo de Arte, na cidade de Maputo.



A Conferência Extraordinária da OMM realizada em Novembro de 1984, na capital do País, foi um momento singular para todo o nosso Povo, particularmente para a Mulher Moçambicana. Na primeira imagem, o Camarada Presidente Samora Machel faz a entrega à Camarada Secretária-Geral da OMM, Salomé Moiane, da caixa que continha o medalha «Ordem Eduardo Mondlane do 1.º Grau» colocada na Bandeira da Organização.



Aspecto geral da sala do IV Congresso

FOTOS DE: DANIEL MAQUINASSE



Ministro da Educação Graça Machel, apresentando a Resolução Geral da Conferência



Momentos antes do encerramento, as mulheres do Maputo saudaram os participantes pelos sucessos alcançados naquela conferência tão singular

Mulher: Aquele que produz e alimenta os combatentes

Por Lourenço Jossias

Dez anos decorridos sobre a Proclamação da Independência Nacional, ainda não é tarefa fácil dar uma opinião sobre o trabalho feito, durante este período de tempo, pela mulher moçambicana. Foi tão grande e tão útil que se torna difícil recordarmo-nos dele e mesmo se quisermos ser minuciosos na nossa análise, teremos, necessariamente, que deixar de parte outras tarefas realizadas pela mulher.

Fácil será dizer que 10 anos depois de também ter conquistado a liberdade (no lar e na sociedade), a mulher moçambicana demonstra que continua válido aquele pequeno trecho contido no seu hino, de que ela é realmente «aquela que produz e alimenta os combatentes».

Em 10 anos, a mulher afirmou-se como uma força imensa, capaz de, com as suas próprias mãos, produzir e alimentar a sociedade; capaz de erguer alto a sua linda voz e juntamente com os outros sectores, participar na resolução dos grandes e pequenos problemas da sociedade moçambicana.

Houve muitas dúvidas, para os pessimistas, daquilo em que resultaria a integração da mulher na sociedade, de igual para igual com o homem. Numa sociedade fortemente influenciada pela educação tradicional-feudal, economicamente débil e ainda sofrendo os efeitos da guerra, não seria possível, para alguns, colocar a mulher em pé de igualdade com o seu parceiro.

Mas no dia-a-dia, à medida que ela foi ganhando consciência daquilo que é capaz de fazer, a mulher moçambicana impôs-se por si própria como um elemento útil, a quem consultar e a quem buscar novas ideias.

Ela foi à Luta de Libertação Nacional e a sua participação não foi decepcionante; foi vítima, juntamente com a sociedade, da agressão do exército rodesiano e mais uma vez, demonstrou segurança na defesa da soberania nacional.

Agora, também a mulher é vítima da agressão imperialista numa altura em que mais do que nunca, ela está a dar todo o seu esforço, particularmente na luta contra a fome.

Mas se a guerra que se abate sobre o País «não olha o rosto da mulher», ela não se deixa levar pelas forças saudosistas do colonialismo. São inúmeros os exemplos que se podiam citar testemunhando o heroísmo e a clareza de objectivos da mulher moçambicana.

Nos locais mais distantes deste belo mas ainda martirizado País, a mulher diz «NÃO» à agressão pegando pessoalmente na arma, denunciando o inimigo e reconstruindo a vida que se lhe pretende destruir.

Mas para a mulher, o mérito é particularmente grande nos resultados que a sua integração nas cooperativas agrícolas traz para a sociedade.

Num País assolado grandemente pela fome, a mulher classifica-se na vanguarda na produção agrícola. Nas cidades, deve-se principalmente a ela, a grande quantidade de verduras que alimentam os cidadãos; no campo, também se implanta esta nova experiência de produção em moldes colectivos.

Não restam dúvidas que aos variadíssimos trabalhos a que se entrega no seu quotidiano, junta-se agora, à mulher, o importante trabalho de produzir comida, e ela fá-lo com sucesso.

Gritando «ao Mundo inteiro que a nossa luta é a mesma» a mulher moçambicana afirmou-se também no exterior do nosso País onde, de viva-voz, fala em nome do seu Povo, reclama os direitos que a guerra lhe nega e informa com orgulho os sucessos que regista a luta pela sua emancipação.

No seu próprio País, a mulher, organizada pela OMM, demonstrou já, a todos os quadrantes, que o que ela quer ela faz. Caberá à OMM o mérito de tudo o que de bom vimos na nossa mulher. Distinguindo-se como a organização de massas mais organizada do nosso País, a OMM tem vindo a crescer gradualmente e com passos bem seguros, sabendo definir as prioridades no seu trabalho.

Mas se à mulher se atribuem numerosas vitórias, não se deve omitir o seu grito. Também fazem-se ouvir as suas lamentações em relação à guerra que o imperialismo nos move; também se ouvem os seus gritos face à fome, calamidade que é provocada por vários factores calamitosos.

A guerra, a seca, as inundações e os desastres naturais graves, também se abatam sobre a mulher. Mas naquilo que é capaz, ela participa numa forma activa para que a guerra acabe o mais rápido possível; para que as calamidades sejam minimizadas.

Mas o balanço é positivo para a mulher que é uma força imensa, grande e sobretudo com clareza. Que continue a unir as «nossas forças/cimentando a unidade ideológica do Povo». Que continue, agora mais do que nunca, «a produzir e alimentar os combatentes». Que continue «a gritar ao Mundo inteiro que a nossa luta é a mesma».

Sobre um poema de amor

Dizer-te Poema de amor
como os silêncios
em que as mãos dadas se comunicam,
gravar no granito das rochas
a paixão que grita
nos corpos acarinhados e unidas,
esculpir em letras de papel eterno
a grandeza muda do sorriso,
que se cruza só para nós no meio de muitos,
é amor,
mas apenas feito sinais
e esboços
e momentos.

Nestes anos
não só sorrimos
e nos apertamos as mãos,
não só me recebeste
entregando-te,
e fomos um

porque isso sempre se faz,
e são esboços
e momentos
e repetimos.

Amor
é a confiança
e espera,
e no beijo
crescer a vontade do Partido
e entregarmos mais força à tarefa,
é sermos espada e bala combinadas
e a ternura
força que tudo desafia.

SÉRGIO VIEIRA

Este poema foi extraído do livro
«TAMBÉM MEMÓRIA DO POVO»

A força da mulher propaga-se a nível mundial

— **Afirma Leticia Shahani**

O Dia Internacional da Mulher, o 8 de Março, celebra-se em todo Mundo. «A força da Mulher não pode ser menosprezada, pois a solidariedade feminina propaga-se a nível mundial» afirmou, em Março passado, Leticia Shahani, Secretária-Geral da Conferência Mundial sobre a Década dos Nações Unidas para a Mulher.

O 8 de Março é o Dia Internacional da Mulher, pela proposta feita por Clara Zekin, destacada dirigente alemã no Primeiro Congresso Internacional das Mulheres Socialistas efectuada na Dinamarca em 1910, 53 anos depois de 146 operárias têxteis de uma fábrica de Nova Iorque (Estados Unidos da América), terem descido à rua para protestar contra o sistema desumano de exploração a que eram sujeitas. Presidiram o encontro Clara Zetkin e Rosa Luxemburgue, onde foi salientado aquele grupo de operárias de 1857, corajosas mulheres que se tornaram o símbolo da determinação e vontade das mulheres que, em todo o Mundo lutam, lado a lado com os homens, para pôr termo ao sistema de exploração do Homem pelo Homem.

Hoje, nos países socialistas, esta data é comemorada com alegria, onde os homens rendem homenagem à mulher sua companheira na edificação do bem-estar da sociedade e pela Paz no Mundo.

No nosso País, as mulheres celebram o 8 de Março desde a Independência Nacional e é um momento de jornada de luta pela aplicação dos direitos que lhes são conferidos pelo nosso Partido e Governo, de maior engajamento na liquidação do banditismo armado que levam a sua solidariedade às mulheres que no Mundo lutam pelos seus direitos como na

Namíbia, na África do Sul, no Sahara Ocidental, em El Salvador, na Nicarágua, em Timor-Leste, e outros.

Terminou o ano passado, com a realização da Conferência Mundial das Mulheres em Nairobi, a Década das Nações Unidas para a Mulher, decretada pela Organização das Nações Unidas (ONU), que de 1976 a 1985, realizou diversas jornadas sob o lema *igualdade, desenvolvimento e paz*, que marcaram a luta das mulheres pela paz no mundo e pela conquista dos seus direitos.

No nosso País, 13069 mulheres assinaram o livro em prol da paz sob o lema «Pelos direitos dos povos à paz» na campanha que teve lugar de 8 de Março a 1 de Junho do ano passado. Estas assinaturas foram apresentadas no mês seguinte em Nairobi no decorrer do

encontro histórico das mulheres e posteriormente entregue em Praga, capital de Checoslováquia, no Conselho da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM), em Novembro último.

Este encontro da FDIM, onde a OMM é uma das Vice-Presidentes, tinha como objectivo analisar as suas actividades desde a última reunião do Conselho, realizada em Outubro de 1983, na Balaionaliga, e perspectivar as estratégias até o ano 2000, adoptadas pela Conferência Mundial da ONU em Nairobi.

Foi, também, comemorado o 40.º aniversário da fundação da FDIM, cuja sessão decorreu num ambiente de grande solenidade e de confraternização e solledariedade entre as delegações das Organizações filiadas, que estiveram num número total de 132.

O 2 de Março dia da mulher angolana

A 2 de Março de 1967, Deolinda Rodrigues, Engracia dos Santos, Irene Cohen, Teresa Afonso e Lucrecia Paim, quando cumpriam uma missão que o Comité Director do MPLA lhes havia destinado foram presas pela UPA, torturadas e assassinadas dois anos mais tarde.

As mulheres angolanas integradas na sua Organização, OMA,

celebram esta data em que as heroínas da Primeira Guerra de Libertação Nacional de Angola deram as suas vidas pela Revolução.

O 2 de Março tornou-se o Dia da Mulher Angolana, onde todos os valores adquiridos na participação activa da mulher em diferentes tarefas, quer na guerrilha, na clandestinidade, assim como na defesa e reconstrução da Pátria, são dignos de realce.

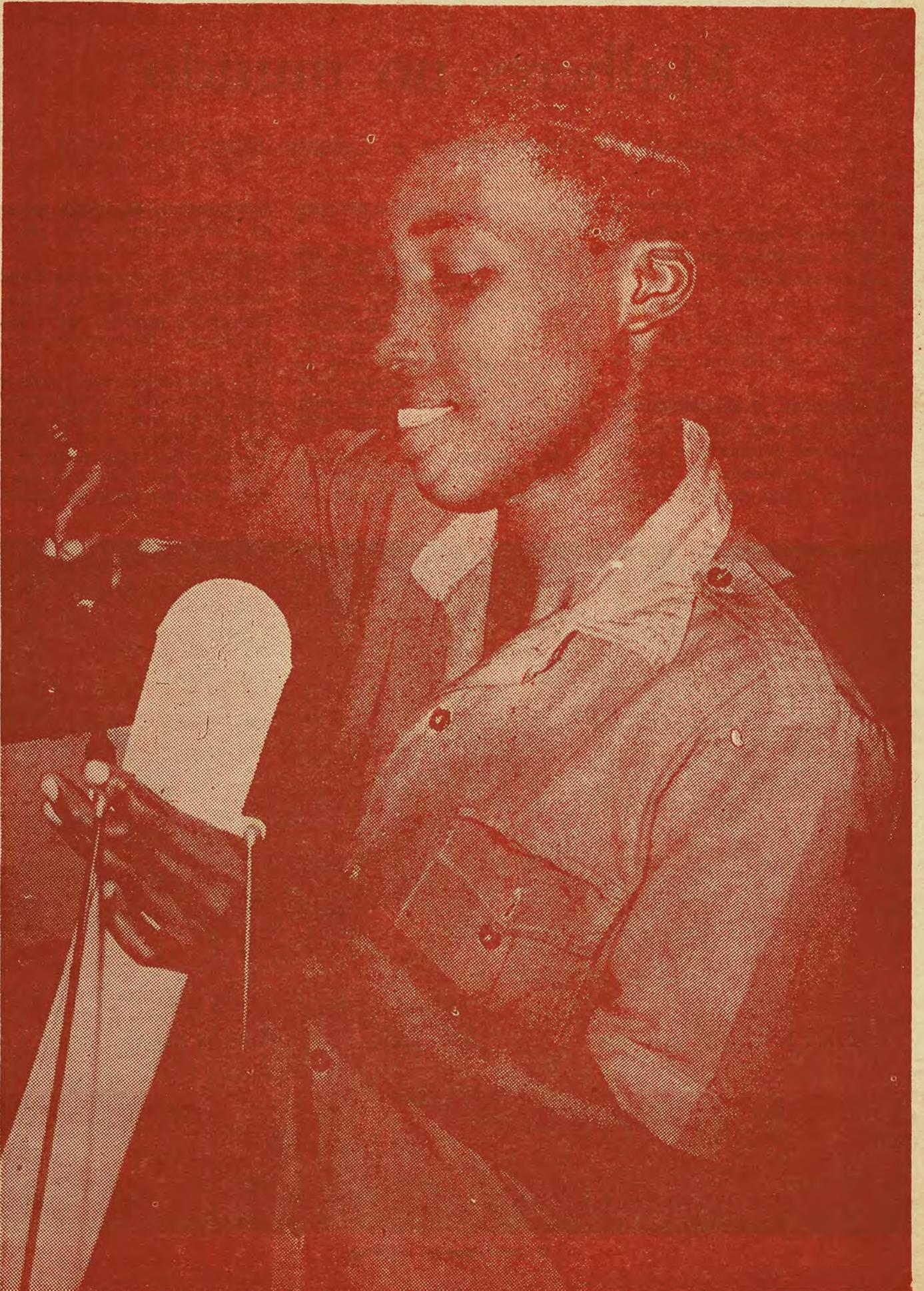


Foto de Cecília Vilanculos

Mulheres no mundo

Por Margarida Guitunga (texto) e Celeste Mac-Atur (foto)

Dez anos depois não acabaram os problemas mas melhorou a consciência.

Chegamos ao fim de 1985. Motivo para reflectirmos sobre o passado.

Sem dúvida, o acontecimento inolvidável do ano foi, para muitas mulheres do mundo, o encerramento da Década da Mulher declarada pelas Nações Unidas.

Quem diz fim da década, diz também Nairobi.

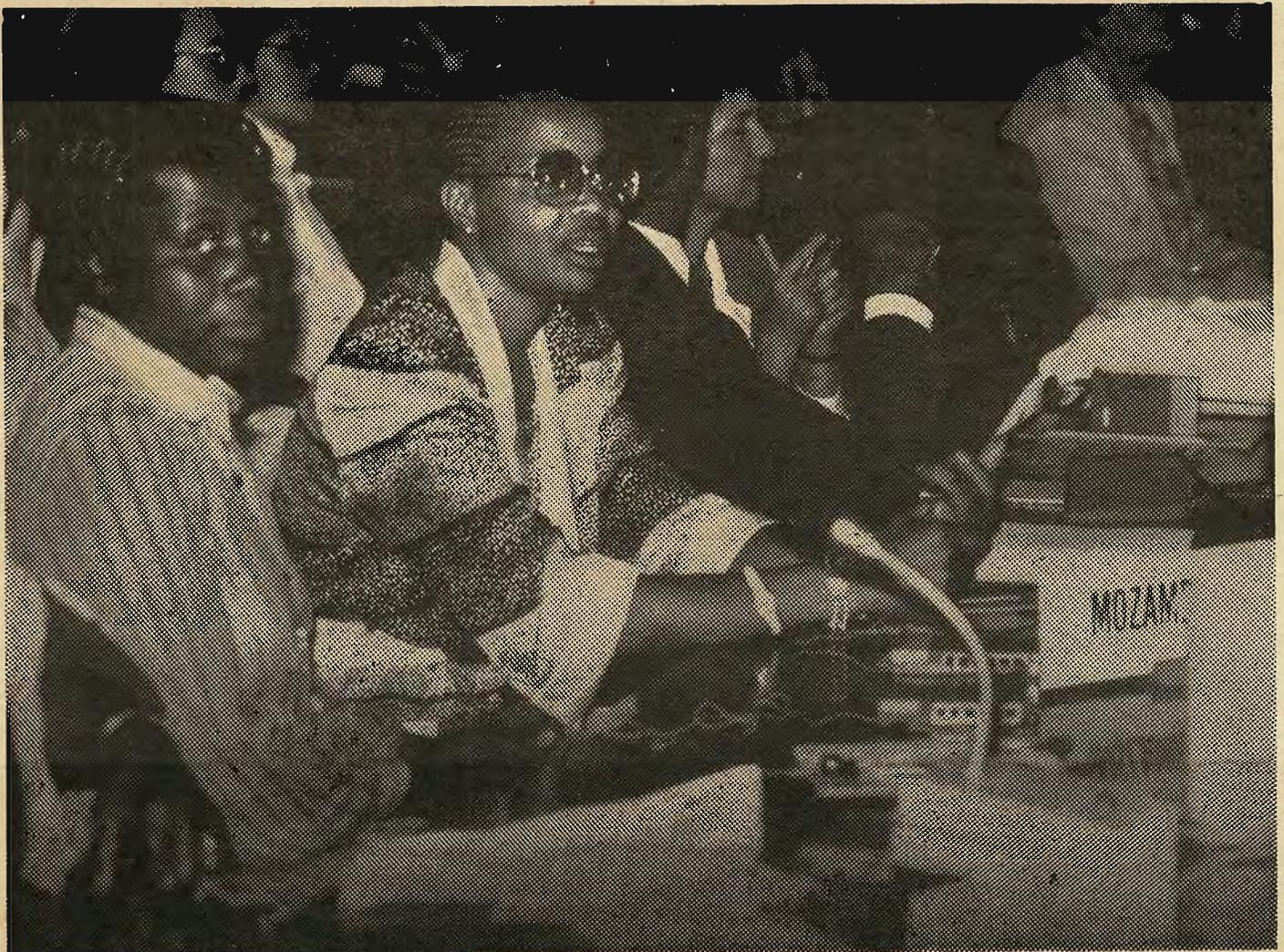
Capital africana, Nairobi foi, no ano de 1985, palco de risos, lágrimas, cantos, danças, determinação e às vezes até «ferocidade» de cerca de 15 mil mulheres. Elas cruzaram os três principais oceanos do mundo para, na capital do Quênia, falarem de si. Dos seus problemas. Da sua marginalização. Enfim, da sua razão de existir.

Mas, Nairobi foi, sobretudo, testemunha de muitos relatórios, de declarações de entidades go-

vernamentais de vários países ... de compromissos, em prol da mulher.

Foi 1975 o ano escolhido pelas nações unidas para o início da Década da Mulher, sob o lema: Igualdade, Desenvolvimento e Paz.

Na conferência mundial de Nairobi, representantes de cerca de 160 países analisaram e avaliaram os avanços e os obstáculos encontrados a nível nacional para o alcance dos objectivos que haviam sido definidos há dez anos,



A nossa delegação em Nairobi

por forma a melhorar a situação da mulher.

Para quem seguiu de perto os relatórios apresentados por muitos desses países, ou teve acesso a eles, seria talvez justo concluir: Os problemas da mulher não acabaram, mas aumentou a tomada de consciência sobre o seu carácter e possíveis vias de resolução.

Na maioria dos países houve dificuldades, no início da década, quanto à concepção de certas questões relativas à mulher como parte integrante do processo do desenvolvimento geral. Isto porque os serviços de ajuda e apoio dos programas para a mulher correram o perigo de se frustrar, devido à falta de coordenação, supervisão e avaliação. E porque, também, os efeitos da falta de financiamento nacional e externo para o acesso da mulher à tecnologia foram agravados pela crise económica mundial.

Porém, nos últimos dez anos, a mulher passou a ter um maior acesso às actividades económicas, políticas e sociais. Todavia, em termos práticos, a maior parte dos governos pouco fizeram.

Nos campos da educação, saúde e do emprego, as estatísticas nacionais apresentadas indicam que a participação da mulher aumentou substancialmente. Muitos países referiram ter sido possível considerar os interesses da mulher como parte de todo os sectores prioritários. Foi também possível valorizar a importante contribuição da mulher na produção e na segurança alimentar, e determinar as estratégias necessárias para o efeito.

Noutros países, a situação da mulher não só piorou, como até se agravou, porque as causas principais dos seus problemas também se agravaram.

O colonialismo continua em África, conflitos armados, ou não, permanecem. Como exemplo, Namíbia, Sahara, Nicarágua, Irão ...

Não obstante, no nosso continente passou a haver uma compreensão cada vez maior dos problemas que afectam a mulher na família, na vida pública e privada, na produção.

Isto percebe-se quando alguns governos comunicaram, por exemplo, que durante o decênio introduziram-se nos respectivos países alguns cursos de capacitação e de especialização em economia doméstica para permitir

o aumento de conhecimentos sobre a agricultura, de conhecimentos básicos sobre técnicas de criação de animais, de capacitação para a produção de plantas e de exportações agrícolas, entre outros.

No nosso país, o fim da década coincidiu exactamente com o décimo aniversário da independência nacional. Durante estes dez anos, os problemas da mulher tornaram-se visíveis, foram muito conhecidos e foram fundamentalmente discutidos, podendo-se dizer, sem grandes riscos de erro, que houve avanços.

Uma prova desses avanços é exactamente o lançamento desta primeira edição de uma revista feminina feita por mulheres, para elas e para a sociedade moçambicana da qual a mulher é parte integrante.

Mas este avanço terá sido somente produto da década declarada pelas Nações Unidas para a mulher?

Ainda me recordo, quando, Graça Machel, Ministro da Educação e chefe da delegação moçambicana à Conferência de Nairobi, em resposta aos «mass média» do país anfitrião afirmava. «A declaração da Década das Nações Unidas para a Mulher veio apenas impulsionar o grande esforço que no meu país já se vinha a desenvolver para a integração da mulher na vida política, económica, social e cultural».

Com efeito, a mulher moçambicana respondeu com grande entusiasmo à campanha nacional de alfabetização desencadeada em 1978. Hoje, 45% (quase metade) dos trabalhadores que estudam aos diversos níveis de formação escolar são do sexo feminino.

Nas nossas escolas primárias, o número de alunos do sexo feminino reflecte actualmente a percentagem da população feminina nacional.

Uma grande parte dos professores em Moçambique, são mulheres.

Na área do emprego, mais de 85% da população potencialmente activa do sexo feminino exerce uma actividade produtiva. Em cada 100 pessoas que trabalham, 53 são mulheres.

Existem hoje empresas agrícolas, fábricas, complexos agro-industriais e serviços que já são dirigidos por mulheres.

A mulher é juiz nos tribunais;

é deputada das Assembleias do Povo e participa na defesa da soberania nacional.

«Saúde para todos», eis o lema do nosso país para garantir a saúde ao povo, e do qual a mulher é das primeiras beneficiárias.

É a mulher que está mais envolvida no processo da educação sanitária. Nesta década cresceu significativamente o número de enfermeiras, parteiras e de agentes polivalentes do sexo feminino. Isto, apenas para ilustrar alguns exemplos.

Mas, em alusão à intervenção de Graça Machel no Palácio «Jomo Kenyatta» «a mulher continua a ser o elo mais fraco das nossas sociedades».

Na verdade, é ela quem sofre mais intensamente e em primeiro lugar os efeitos das crises, das perturbações sociais, dos conflitos e dos retrocessos.

Daí que para se atingir a verdadeira igualdade para a mulher se tenha que criar em cada sociedade as pré-condições sociais respectivas, e encaminhadas novas modificações sociais.

Nos países em desenvolvimento por exemplo, a mudança da situação da mulher passa necessariamente pela eliminação da fome, pobreza, discriminação, injustiça e desigualdade.

Só desta forma se pode encontrar a paz, pois é combatendo as causas da guerra que se luta por ela.

O desanuviamento, a erradicação dos conflitos armados, a cooperação internacional, o desarmamento completo, a independência nacional, os direitos do homem, a inviolabilidade das fronteiras e a não ingerência nos assuntos internos são requisitos essenciais para se garantir a paz no mundo.

Só assim se poderá igualmente garantir que o ano 2000, estabelecido como meta para o cumprimento das orientações de Nairobi, nos venha encontrar numa situação melhor.

Mas, a consecução dos objectivos da Década da Mulher requer a compartilha desta responsabilidade por homens e mulheres e pela sociedade em geral.

E a mulher será, finalmente, contribuinte reconhecida mas, sobretudo, beneficiária do desenvolvimento, conforme reza o documento das estratégias de Nairobi.



A mulher na defesa da Pátria

No nosso país, milhares de mulheres receberam treino político-militar para poderem enfrentar a situação difícil da presente guerra que travamos contra o banditismo armado, promovido no nosso país e na África Austral pelo imperialismo, inimigo da liberdade dos Povos e da Paz. A mulher moçambicana, seguindo com coragem e determinação o exemplo heróico da Josina Machel, símbolo da mulher moçambicana combatente, tem vindo a dar apoio ao soldado, quer abrindo machambas, confeccionando alimentos nos quartéis, apoiando mutilados de guerra e crianças órfãs, entre muitas outras realizações de apoio moral e material ao soldado combatente. A nossa Reportagem, sobre o assunto, conversou com Modesta Nhawena Koi, antiga combatente que falou da sua experiência durante a Luta de Libertação Nacional e Marta Wate, miliciana e secretária da OMM no Bairro da Mafalala em Maputo.

Modesta Nhawena Koi nasceu em Março de 1954, em Mueda, na Província de Cabo Delgado, trabalha no hospital Militar na Cidade de Maputo onde reside.

Modesta Koi, uma mulher firme e corajosa, foi aos dez anos que aderiu à FRELIMO em 1964, saindo de Cabo Delgado, onde vivia com a sua avó, para Tanganyka (hoje República Unida da Tanzânia).

Participou, activamente na mobilização da população para o apoio ao soldado em alimentos, no carregamento de material e no envio de comida para os soldados na frente de combate. Aos 15 anos recebeu o treino político-militar em Nachinguea e iniciou a sua participação na frente da batalha. Mama Koi recorda hoje com emoção os momentos que passou e

fala-nos do seu trabalho. «Deixei a avó, único parente com quem vivia e fui juntar-me à FRELIMO. Os meus pais encontravam-se na Tanzânia há muitos anos. A primeira tarefa que recebi foi de mobilizar a população, esclarecendo a razão da nossa luta, mais tarde recebi o treino político-militar em Nachinguea e comecei a participar directamente na Luta de Libertação Nacional. Particpei na recolha de crianças órfãs e trabalhei, também, em alguns centros infantis».

Modesta referiu-se, igualmente, a sua vida com a Josina Machel e afirmou. «O momento que vivemos com a mama Josina Machel, ela deu-nos política, ensinou-nos como podíamos viver com o Povo, como mobilizar a população, como recolher crianças órfãs e

como ajudar os nossos camaradas no campo da batalha. A mama Josina cultivou em nós a coragem e determinação».

Em 1973, ainda em plena guerra de Libertação Nacional, Modesta Koi casou-se com um seu camarada. Após a realização da I Conferência Nacional da OMM, em Tunduru foi designada Secretária Distrital da OMM. Hoje, na reconstrução nacional, dá o seu contributo no Hospital Militar, onde trabalha.

Conversámos, também, com Marta Wate de 40 anos, casada e mãe de um único

filho de 24 anos. Ela nasceu em Chibuto. No nosso encontro falou-nos da sua participação nas tarefas de defesa, na mobilização da população para dar sangue no hospital e como se organiza para conciliar as diversas tarefas e os seus deveres como esposa, mãe e dona de casa.

«A preparação político-militar tornou-me a mulher que sou hoje e foi para mim a maior conquista dos últimos 10 anos, porque o que consigo fazer graças a este grande acontecimento, também, é verdade que tenho tido um grande apoio por parte do meu marido». afirmou Marta Wate.

Marta na sua intervenção acrescentou «é preciso fazer-se esforço para poder conciliar as tarefas da Revolução e o que podemos fazer pela nossa família eu, geralmente, levanto-me às 4 horas da manhã e começo pelos meus afazeres depois é que saio de casa».

Periódicamente as mulheres do seu bairro vão dar sangue no hospital para os feridos da guerra e estão a preparar-se para participarem num curso de primeiros socorros que será dado pela Cruz Vermelha de Moçambique.

Marta como miliciana participa nos grupos de patrulha do seu bairro e ofereceu-se para ser instrutora para o treinamento de forças locais. Temos aqui um exemplo do trabalho que milhares de mulheres realizam no nosso país.